

MITO E LUGAR - PARTE III

Josué Costa*

Resumo: Apesar das ações que foram realizadas em conjunto por toda a comunidade no sentido de ficarem em Cuniã, eles também vivenciam diferenças internas. Não estão livres das paixões inerentes ao Homem. Um trabalho de pesquisa desenvolvido por acadêmicos do curso de Geografia da Universidade Federal de Rondônia, realizado em 1989 sob o título de "Cuniã: uma Comunidade Ameaçada" teve a oportunidade de realizar um censo e um levantamento minucioso desse grupo, que então apresentava duzentas e vinte e sete pessoas, distribuídas em trinta e três unidades familiares (Cf. levantamento realizado pelo Grupo de Pesquisa Cuniã, sob a forma de Censo, em 1989).

Palavras – Chave: Conjunto, Comunidade, Levantamento e Pesquisa.

Abstract: Despite the actions that were undertaken jointly by the entire community to stay Cuniã, they also experience internal differences. There are free from passions attaching to man. A research paper developed by academics of geography course da Universidade Federal de Rondônia, held in 1989 under the title "Cuniã: a Community Threatened" had the opportunity to conduct a census and a thorough survey of this group, which then had two hundred and twenty-seven people, distributed in thirty-three family units (cf. survey conducted by Cuniã research group in the form of Census in 1989).

KeyWords: Together Community, survey and research.

Caracterizada pela forma rotineira de ocupação da Amazônia até meados deste século, os moradores da Reserva de Cuniã reafirmam suas raízes indígenas, organizam seu espaço, criam seus signos e significados e preparam-se para lutar pelo "seu lugar".

A compreensão está nos critérios de valorização adotados pelo INCRA que leva em consideração a terra desmatada, o plantio de lavouras perenes, construções etc. Esses critérios entram em choque com os valores assumidos por populações extrativistas que têm sua sustentação econômica e a própria sobrevivência assegurada pela manutenção da mata. Em uma população de

pescadores, a sua manutenção está ligada às águas, à oferta de alimentos que podem retirar dos rios e lagos. A área de plantio também está ligada à subsistência do grupo. A subsistência da população do Cuniã é marcada pelo extrativismo da mata e das águas, logo, a SEMA toma-se incapaz de indenizar por um conjunto de valores que não fazem parte das regras do jogo da economia capitalista.

Quanto ao projeto de formação da bacia leiteira, o Governo abandonou a idéia por ser muito onerosa; a BR-319 está abandonada sem condições de tráfego, a reserva não foi criada e não se cumpriu o acordo firmado com o POLONOROESTE, só quem pagou (e ainda paga) o ônus pela falta de planejamento e desrespeito ao povo, é a comunidade.

As Famílias

Apesar das ações que foram realizadas em conjunto por toda a comunidade no sentido de ficarem em Cuniã, eles também vivenciam diferenças internas. Não estão livres das paixões inerentes ao Homem. Está claro que não a identificamos como uma comunidade harmoniosa, perfeita e sem conflitos sérios internos. Porém, é importante demonstrarmos como ela se compõe, como se dividem e quais são os grupos que politicamente a organiza.

Um trabalho de pesquisa desenvolvido por acadêmicos do curso de Geografia da Universidade Federal de Rondônia, realizado em 1989 sob o título de "Cuniã: uma Comunidade Ameaçada" teve a oportunidade de realizar um censo e um levantamento minucioso desse grupo, que então apresentava duzentas e vinte e sete pessoas, distribuídas em trinta e três unidades familiares (Cf. levantamento realizado pelo Grupo de Pesquisa Cuniã, sob a forma de Censo, em 1989). A comunidade de Cuniã é muito jovem sendo que quase setenta e oito por cento é composta por pessoas de até vinte e nove anos.

Com a idade acima de cinqüenta anos há aproximadamente oito por cento apenas. O empenho de boa parte da juventude é por buscar instrução em Porto Velho e retomar ao Cuniã. Apenas as pessoas do sexo feminino, de idade até vinte anos manifestam um declarado desejo de sair para morar na cidade, seus sonhos sofrem influências das poucas informações que recebem pela televisão.

Todos são bem informados sobre o modo de vida em Porto Velho. Muitas

famílias possuem filhos que residem na cidade, aos quais fazem visitas periódicas.

As brincadeiras das crianças são repletas de criatividade e refletem o seu mundo. Brincam com canoas, apostando corridas, passeiam e a pesca toma-se também motivo de competição. É um aperfeiçoamento de uma atividade que será fundamental em suas vidas.

A população do Cuniã divide-se em duas localidades: a do Araçá, que reside à margem do Igarapé Cuniã e a do grande Lago Cuniã. No Araçá, residem oito famílias e possuem inúmeras características que a diferencia da comunidade do Lago Cuniã. Primeiramente, não são pescadores, não participam da pesca do pirarucu durante a safra. Têm suas atividades voltadas para o plantio da mandioca, produção e comercialização da farinha. Produzem a **farinha d'água** (A mandioca é deixada de molho). É comum ser deixada às margens do igarapé ou dentro de canoas afundadas, ou mesmo em gamelas feitas de troncos de árvore. É necessário que a mandioca vire "puba", ou seja, apodreça. Então é retirada a casca, passada em prensas para retirar o excesso de água. Do apodrecimento da mandioca resulta um líquido amarelo chamado de tucupi que pode ser armazenado e vendido na feira que servirá como base para molhos de pimenta ou no preparo de pratos como pato no tucupi, tambaqui no tucupi, tacacá e outros. A massa é lavada para retirar a goma (polvilho) em seguida é torrada e resulta em uma farinha de cor amarelo forte e será grossa ou fina conforme a opção pelo peneiramento e também pela habilidade de quem está mexendo a massa no forno. Se não souber mexer, cria grãos. A farinha d'água é apreciada no preparo do chibé (farinha com água) e no acompanhamento do pirarucu seco e frito **farinha seca** (A mandioca é ralada, peneirada se quiser que seja fina e torrada com a própria goma (polvilho). A farinha fica com uma amarelo claro, crocante e muito apreciada na farofa com peixe para fazer o pirão escaldado) e a **farinha de tapioca** (No preparo da farinha d'água em que é retirada a goma, esta é deixada em gamelas para decantar. Após escorrer a água a goma peneirada é torrada. Forma-se uma farinha branca e carocuda ideal para a preparação de mingau, bolo e pudins). Possuem um nível econômico mais estável, pois não sofrem com o período da entressafra em que a pesca é proibida. O grupo que reside à margem do grande lago Cuniã possui atividades opostas às do Araçá: são pescadores (principalmente de Pirarucu) e coletores de castanha, açaí, copaíba e outros produtos da mata. Sofrem muito como período da entressafra da pesca.

A partir dessa divisão, outras subdivisões irão ocorrer e serão bastante esclarecedoras para se compreender como se estabelece o poder em uma micro-escala. Existem em Cuniã dois grandes grupos familiares que estruturam as relações de poder local: por um lado, temos a família Souza-Silva (o verdadeiro nome das famílias foi omitido nesse trabalho com o intuito de preservá-las), católica, com origem de seringueiros, apresentando forte herança Mura e exercendo atualmente a atividade da pesca. São agrupados pela presença matriarcal de D. Maria que é depositária da história do grupo. Possui ainda a liderança interna. Por outro lado, há a família protestante dos Menezes, que não tem a mesma origem dos Souza-Silva, tendo uma tradição política maior com alguns parentes prefeitos, ou vereadores em municípios amazonenses; exercem a atividade da pesca, porém, a sobrevivência econômica é mantida por cargos públicos, comércio varejista e compra do pescado local. Por essas características, possuem um nível econômico acima da média. Como os membros de uma família vão ocupando os espaços contínuos, os Menezes denominam a área onde se encontra sua família de "Bom Jardim". Essa denominação é uma forma de marcar o seu lugar em relação aos outros moradores.

Embora as relações de parentesco envolvam praticamente toda a comunidade pelas afinidades consanguíneas ou de compadrio e aparentemente reúna todos em uma grande família, as diferenciações mostram-se claras, juntamente com a disputa interna.

A luta desenvolvida pela ASMOCUN demonstrou um poder de força que despertou o interesse pela disputa da direção política entre as famílias. O primeiro presidente da Associação foi da família Souza-Silva que obteve uma reeleição, conseguindo espaço na imprensa da Capital, entre os órgãos governamentais e adquirindo equipamentos para a comunidade tais como uma casa de farinha de uso comunitário, visita de médicos, dentistas, equipamento das escolas contrata para professores, e um barco que servia à comunidade para transporte de passageiros e cargas. Os moradores contribuía na medida de suas posses, para a manutenção e compra de combustível. Era uma embarcação lenta, levando em média doze horas de viagem de Cuniã a Porto Velho, porém a decisão dos planos de viagem era comunitária.

Na segunda gestão a presidência da ASMOCUN é exercida, por um membro da família Menezes. O confronto político pela permanência dos moradores, se

ocorreu, foi de uma maneira bem mais suave que nos anos anteriores. Entretanto, alguns ganhos foram conseguidos como a implantação de um posto de saúde com enfermeiro da família Menezes; a reconstrução da Igreja católica (que fora destruída pela extinta SEMA), em um terreno cedido na área de Bom Jardim e a construção de uma escola próxima à igreja. O barco que atendia à comunidade pela Associação ficou em ruínas.

Bom Jardim concentra a oferta de serviços como saúde, religioso (tanto protestantes como católicos) além de contar com uma escola primária e ainda contrata trabalhadores para realizar a pesca, que é armazenada e negociada em Porto Velho. Quem não trabalha para os Menezes, procura atividades em propriedades na Vila de São Carlos.

A ASMOCUN perdeu a oportunidade de entrar do debate junto ao IBAMA para a transformação da área em uma unidade de conservação que permita a presença da população, talvez uma reserva extrativista e aproveitar que o fórum das ONGs (organizações Não Governamentais) está realizando um projeto de transformação de várias áreas em unidades de conservação do tipo RESEX. Entretanto, a Associação não tem encaminhado nenhum projeto neste sentido.

Os códigos da Terra

Com o processo de indenização promovido pela SEMA, os moradores de Cuniã teriam a "liberdade" de escolher um lote de cem hectares na Gleba Ouro Preto do Projeto Fundiário Alto Madeira, além de receberem uma pequena indenização pelas benfeitorias referentes às suas posses, no Cuniã. Foi organizada uma expedição para o reconhecimento da área, e ao retomarem a Cuniã houve reuniões com relatos detalhados, somente então os moradores tomaram a decisão unânime de ficar.

A princípio, os moradores de Cuniã iriam viver em uma área de maior acesso, o Governo acenava com apoio de crédito rural, legalização da terra, estradas, posto de saúde e escola. Contudo, essa proposta foi rejeitada, não de uma forma imatura, mas planejada e analisada.

O que foi medido nessa tomada de decisão? Teria sido a desconfiança na palavra do Governo? O que essas pessoas estavam querendo preservar? Pelo que percebemos em nossa estadia em campo, podemos afirmar que a decisão foi

baseada em uma estreita relação que a comunidade desenvolveu na área do Cuniã, durante sua convivência no local.

O conflito vai expor para a própria comunidade que eles tinham uma ligação com aquela área em uma dimensão que ninguém tinha ainda mensurado. O grupo se organizou para mostrar aos outros o quanto eles necessitavam daquele lugar e esse deles. E remetendo-se, sempre que possível, à época dos Mura, reafirmando um elo com o modo de vida dos índios, reafirmam a legitimidade de seu conhecimento tradicional, recorrendo à sua descendência indígena e à eficácia de sua forma de produção. Dessa maneira, o grupo de Cuniã garante a sua antigüidade e aproveita para expor o seu projeto de preservação do meio ambiente, mostrando que a herança Mura fundamentava essa relação. Perceberam que eram os únicos que realmente conheciam o Cuniã, possuíam informações que garantiam a preservação ambiental. As propostas externas, portanto, não eram compatíveis com os seus ideais. Essa incompatibilidade era motivada pela ausência do homem do Cuniã e perguntavam: "vão preservar tudo isso para os jacarés, as piranhas, os biguás?"

Entravam assim, em uma reflexão muito profunda, e passam a compreender que no momento em que o Governo fala de preservação ambiental para Cuniã, não está falando de preservar o meio ambiente para o homem que ali vive. Neste sentido, para reafirmar esta linha de raciocínio, algumas matérias foram publicadas em jornais locais que esclareceram porque tudo isso estava acontecendo em Cuniã:

... À medida que as grandes metrópoles do Globo se revestem de cinza e negro do asfalto e do dióxido de carbono, o homem urbano busca ansiosamente o verde (...). Porto Velho, pela sua localização, sempre teve um significado especial para quem quer travar contatos imediatos do 1º grau com a Amazônia (...) assim sendo, poderemos trazer turistas que querem ver de perto tudo o que a grande floresta esconde. Não se satisfazem em contemplar platonicamente a majestade dos rios ou a importância das florestas. Querem ver de perto tudo o que se abriga sob o manto das águas e atrás da cortina da mata virgem, para isso dispõe de muito dinheiro e pouco tempo... (Jornal Alto Madeira 22-23/07/90)

Era, então, a apresentação de um novo projeto de reserva ao quais os moradores respondem incisivos: "nós já fazemos a reserva para proteger o meio ambiente: o povo daqui é quem faz a reserva..." No conceito de reserva deles estava incorporada a experiência herdada de seus antepassados, o seu modo de vida, o seu modo de tratar o ambiente e a semelhança com os Mura.

Ficar em Cuniã era uma forma de assegurar sua identidade cultural e demonstrar sua eficácia na proteção do meio ambiente:

... Muito antes da SUDEPE, nós deixamos de pescar de facho, malhadeira e curumim porque tava diminuindo os peixes, aí veio a SUDEPE e proibiu esse material. Quando tinha invasão de malhadeira, nós nos reuníamos e ia lá conversar primeiro: "companheiro, assim, não tá certo", e se não obedecer, a gente toma outras providência, a gente corta... (pescador do Cuniã, 1993)

Toda a área vai estar repleta das marcas de sua existência: o nome de cada lago, o período de procriação das espécies, o acordo com a Cobra Grande; as suas árvores possuíam marcas que as distinguiam das árvores em geral, algumas foram plantadas pelos seus avós, pelos seus pais; outras sustentaram a sua família com o seu leite, com seu vinho, com seus frutos; o pequeno cemitério guardava seus mortos; o local em que estava a capela onde todos se reuniam.

...Eu não quero sair daqui não. Só vou sair daqui depois de morta, que me arrastarem por uma perna. Sei não, isso tá com bem cinco a seis anos pra botar nós daqui pra fora. Acabaram com a capela. A santa tá até quebrada aí, pior coisa do mundo... (moradora de Cuniã, 1993)

...Pra mim e pra minha família, esse lugar tem uma importância muito grande, porque a gente tira a alimentação, a gente tem muita liberdade, não é como em outros lugares que a gente não tem a liberdade que tem aqui (morador do Cuniã, 1993)

... Eu me orgulho desse lugar, eu me orgulho de ver essa mata tão linda, vendo esses peixes... Orgulho-me da seguinte maneira: aqui não tem carro pra perseguir meus filhos, não tem ladrão, vivo tranqüilo coma milha família, almoço e janto todos os dias. O que meu pai me deixou de herança, foi essa terra e eu amo essa terra... (morador do Cuniã, 1993).

... Eu sou acostumado aqui, a bem dizer, sessenta anos morando aqui eu sinto que aqui, a pescaria daqui não é perigosa como a pescaria do Rio Madeira, arriscando a você a se alagar numa ponta d'água ou um bicho comera pessoa, como acontece mesmo por aí, né? Vi dizer: a cobra comeu fulano, fulano morreu afogado, ninguém soube nem notícia dele, né? E aqui não. Aqui é uma pescaria como o senhor tá sabendo, aqui você atravessa aí numa canoa do tamanho que seja de um metro, um metro e meio e vai embora. Até esse menino, vai e pega seu peixinho, sustenta sua família. A bondade desse lugar é essa, aqui não tem perigo de nada, graças à Deus. (...) eu não quero sair daqui, porque sou filho daqui, e me criei aqui. Tenho meus filhos na fartura. Criei na fartura todo mundo. É só isso... (morador de Cuniã, 1993)

No embate, os moradores lembraram que construíram algo que não poderiam deixar de lado, ou seja, as suas próprias vidas, suas existências e por isso lutariam e lutaram até as últimas consequências. As diferenças internas não

foram fortes o suficiente para impedir a construção de um projeto em comum: permanecer na área, lutar pelos seus códigos, lutar pela vida.

“**Mito e Lugar**” é o trabalho que apresentamos para a obtenção do título de Mestre em Ciências pela Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. José William Vesetini, defendido em 1994. As primeiras partes foram publicadas na Revista Presença n° 09 e 10 e continuarão nos números seguintes.

***Josué Costa.** Professor do Departamento de Geografia/UFRO, Pesquisador-Associado do Laboratório de Geografia Humana e Planejamento Ambiental, Doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo.